

Petistas vibram e já apostam no DF

Editor

O clima foi de festa, ontem, na sala da Liderança do PT no Congresso Nacional. Pelo telefone, os assessores do líder Luiz Inácio Lula da Silva recebiam informações sobre a vitória do candidato petista à Prefeitura de Vila Velha, no Espírito Santo, enquanto o deputado Paulo Delgado (PT-MG) comentava com euforia os resultados da pesquisa publicada pelo CORREIO BRAZILIENSE, no último domingo, que davam o PT como o partido preferido do eleitorado de Brasília, com 30,4%, e o PMDB, no segundo lugar na preferência, com 16,1%.

"No Brasil todo o PT vem se tornando um partido eleitoralmente viável e só não tem um senador em Brasília por força da ditadura, que através do artifício da sublegenda criou a estranha situação de derrotar o mais votado, como foi o caso do professor Lau-

ro Campos, o segundo mais votado do DF mas que, mesmo assim, não foi eleito". Para Delgado, o grande desafio do PT é ser governo. Mas, para isso, segundo ele, é preciso alterar a base de poder do governo.

O deputado acha que esse foi o erro de outros partidos, "que acham que basta chegar ao governo para,



Lauro Campos

automaticamente, chegar ao poder".

15 DEZ 1987
O CANDIDATÁVEL

Mesmo considerando o universo pesquisado muito pequeno, o professor e economista Lauro Campos (candidato do PT ao Senado Federal em 86, e segundo mais votado isoladamente) acha que foi bastante significativo o seu resultado, apontando mais de 30% de preferência do eleitorado brasiliense para o PT. "Fico satisfeito com isso", disse ele, atribuindo essa preferência a vários motivos, dentre os quais destaca a coerência de seu partido e sua postura de partido de oposição".

Sobre a possibilidade de sair candidato novamente pelo PT, desta vez concorrendo ao Governo do Distrito Federal, Lauro Campos explica que, pela sua pró-

pria postura e pela prática do partido, ele jamais se colocará como candidato, antecipando ou atropelando todo um processo de discussão que deve ser iniciado pelas bases do PT. No entanto, se vier a ser indicado pela maioria do partido, diz que assumirá essa nova tarefa, "com muita alegria".

"Tenho o maior respeito pelas decisões do partido. Só seréi candidato a qualquer coisa se a maioria do partido assim o entender. Não quero correr o risco de influir num processo de escolha de candidatos, como é comum acontecer em outros partidos. No PT, essa é uma decisão soberana de seus militantes. Mas, se escolhido, não fugirei à luta", disse ele, acrescentando que sua campanha ao Senado, no ano passado, independente dos resultados conquistados, lhe foi muito gratificante.